

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

*Zamara Araújo dos Santos **

O livro *Deleuze & a Educação*, de autoria do professor Sílvio Gallo, integra a Coleção “Pensadores & Educação”, lançada pela Editora Autêntica, sob coordenação de Alfredo Veiga-Neto. Nele, Gallo apresenta um mapa da filosofia de Gilles Deleuze, centrando-se nos conceitos mais relevantes de sua obra, com o intuito, ainda, de apresentá-los em sua possível intercessão com temas e problemas da filosofia da educação e da teoria da educação contemporâneas. Ou seja, apresenta-se uma visão dos *dispositivos* e *transversalidades* da filosofia deleuziana na contemporaneidade e na contemporaneidade da Educação.

Ao traçar o percurso geral da obra de Deleuze, com vistas a estabelecer a convergência dos conceitos fundamentais desta filosofia com o problema da educação, o livro se divide em três partes que se organizam da seguinte forma: (1) a vida de Deleuze, compreendido como um pensador da imanência; (2) o *acontecimento* Deleuze frente à tradição filosófica; (3) a relação entre Deleuze e a educação, ou seja, o trânsito entre os conceitos da filosofia de Deleuze e as questões que permeiam a filosofia da educação e o processo educacional.

Na primeira parte, o autor apresenta uma biografia intelectual de Deleuze. O título dessa primeira parte - “Gilles Deleuze: uma vida” -, parafraseia o último texto de Deleuze, “Imanência: uma vida”, e serve como mote para a apresentação do *acontecimento* Deleuze, suas virtualidades e singularidades, num panorama de sua trajetória desde os estudos de juventude no Liceu Carnot, em Paris, onde conheceu seus reputados mestres Jean Hippolyte, Ferdinand Alquié e Maurice de

* Doutoranda em Filosofia pela Universidade de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). E-mail: zamaraa@hotmail.com

Gandillac, passando pelo encontro com Foucault em Paris VIII – Vincennes, onde atuou como professor até se aposentar. Vincennes, considerada o primeiro “Centro Experimental”, marco da reforma universitária deflagrada após as agitações de “maio de 68”, torna-se o lugar da confluência e de encontro de diversos saberes, num movimento de resistência contra a “lobotomia do ensino”, em sintonia com o caráter transversal do pensamento de Deleuze, em uma experiência inovadora, que se afigura ensejando e propondo encontros virtuais na imanência, produzindo agenciamentos e intercessores.

Ao encontro com Michel Foucault, em 1962, movido pela afinidade em torno de Nietzsche, segue-se a atuação de Deleuze no Grupo de Informação sobre as Prisões (GPI), criado por Foucault em 1971. Dessa experiência, surgiria uma admiração recíproca que renderia textos mutuamente dedicados e cuja prova maior ficou consagrada na célebre frase lançada por Foucault após comentar duas obras de Deleuze, *Diferença e Repetição* e *Lógica do Sentido*: “um dia, talvez, o século será deleuziano”. Em 1969, novo encontro importante acontecerá com Félix Guattari, que havia rompido com a psicanálise estruturalista de Lacan, enquanto Deleuze acabara de produzir obras sobre Hume, Spinoza, Kant, Nietzsche e Bergson. Esse encontro evidencia um momento de plena liberdade intelectual de ambos, criando uma atmosfera fértil à análise do investimento do desejo materializado nos dois volumes da obra *Capitalismo e Esquizofrenia: O Anti-Édipo* em 1972, e *Mil Platôs*, em 1980; seguindo-se de *Kafka: por uma literatura menor*, em 1975, e a última obra em conjunto de ambos: *O que é a Filosofia?*, em 1991. Ao final desta parte, Gallo lista as obras de Deleuze com suas respectivas traduções em português.

A segunda parte do livro, intitulada “Deleuze e a Filosofia” se organiza em torno de três sub-seções, a saber: (1) a filosofia francesa contemporânea: um mapa em rascunho; (2) Deleuze, filósofo da multiplicidade; e (3) Rasgar o caos: a filosofia como criação de conceitos. À filosofia francesa de tradição historicista sobrepõem-se duas linhas que cingem o século XX: de um lado, a filosofia da vida de Bergson; de

outro, toda uma herança que se inscreve na fenomenologia de Husserl e que, por intermédio de Heidegger, teve importantes expoentes na França, como Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. Entretanto, é em torno à recepção da obra de Nietzsche que se configura uma grande reviravolta: surge, no pós-68, toda uma nova uma geração de filósofos, que difunde a leitura e o interesse de Nietzsche na França, abrindo uma nova perspectiva de pensamento e que tem seus principais nomes em filósofos como Deleuze, Foucault, Lyotard e Derrida. Sobre a fissura aberta pelo pensamento nietzschiano, se constitui um outro solo e circunstâncias por onde irá se perfilar essa nova linhagem de filósofos, inaugurando um novo modo de fazer filosofia. Assim, a filosofia deixa de ser simples reprodutora, para tornar-se atividade criadora, seguindo o apelo de Nietzsche, e ultrapassando, desse modo, o triângulo da tradição historicista presa à rede do positivismo, da fenomenologia e da crítica.

Surge, então, com Deleuze, filósofo da multiplicidade, um outro modo de pensar a própria filosofia, cuja exigência se consagra, talvez, nessa frase que dá início a um de seus últimos escritos “a filosofia é a teoria das multiplicidades”. De acordo com Gallo, considerando a filosofia uma repetição muito próxima do *roubo*, a filosofia de Deleuze, sendo ela mesma uma conjugação de encontros, idéias e acontecimentos que se convertem em uma produção conceitual própria, revela-se, ainda, como um verdadeiro *desvio*. Notadamente por isso, o pensamento deleuziano se constitui como um método anti-dialético, porque rejeita mediações e oposições ou unificações. Tal perspectiva consiste, portanto, como dirá Deleuze, em rasgar o caos e tornar a filosofia criação de conceitos, pois o conceito não designa a esfera do universal abstrato, não é um operador lógico nem uma entidade metafísica, e tampouco inscreve-se na escala da representação. Ele é uma multiplicidade e remete ao meio de imanência de onde surge como heterogêneo, incorporal, acontecimento, ao mesmo tempo um dispositivo e um agenciamento.

A filosofia enquanto criação de conceitos evoca um plano de imanência que vigora como o solo e como o horizonte da criação conceitual, e como efeito da atividade filosófica, uma fronteira que se configura pela relação da filosofia com a não filosofia e, nesse sentido, o plano de imanência se configura como uma esfera pré-filosófica. Há contudo, uma tríade que completa a atividade filosófica, segundo os três verbos que assinam cada atividade respectiva: 1) plano de imanência (*traçar*); 2) personagens conceituais (*inventar*); 3) conceitos (*criar*).

A terceira parte do livro apresenta quatro deslocamentos que permeiam a relação entre Deleuze e a Educação. Sob esse traçado, opera-se a crítica à Filosofia da Educação que se consolidou no Brasil, subordinada à idéia de reflexão.

O primeiro deslocamento trata da filosofia da educação como criação conceitual e, neste caso, é necessário denunciar os equívocos da filosofia da educação como um dos fundamentos da educação. A filosofia tomada como fundamento da educação limita-se a traçar um campo que fornece as bases de sustentação do processo educativo. Com isso, porém, não se ultrapassa uma arena de opiniões em busca de identidade, subordinando-se à verdade científica, como resíduo do positivismo. Contra esta concepção, Gallo considera que há uma dupla tarefa da filosofia da educação, um duplo corte, um rasgo no caos operado não menos pela filosofia do que pela educação, por meio do qual se pode instaurar um plano de imanência.

O segundo deslocamento, o de uma “educação menor” transposta para a esfera da educação, trata da experiência de subverter uma língua inscrita em códigos de territorialidade, tradição e cultura, constituindo uma desterritorialização completa, compondo um quadro de ramificação política e agenciamentos coletivos. Rompendo com o regime das “políticas públicas, dos parâmetros e diretrizes”, inerentes à “educação maior” produzida na esfera da macropolítica, em que a educação vige como uma máquina de controle, de subjetivação, de produção de indivíduos em série, a “educação menor”, ao contrário, se institui com uma máquina de resistência, investindo no campo do desejo, algo que se produz na esfera da micropolítica.

O terceiro deslocamento trata da relação entre rizoma e educação, sobre o modelo de conhecimento que segue uma estrutura arbórea da grande árvore com suas raízes presas no solo, com um tronco cujas ramificações se espalham por toda a realidade. Este paradigma arborescente marca uma “concepção mecânica” do conhecimento e da realidade. A esse modelo, como o autor pontua, Deleuze e Guattari contrapõem a noção de *Rizoma*. Utilizando o Livro como exemplo para expor o modelo arbóreo, em que o livro é concebido como uma raiz presa a uma unidade, o Rizoma, ao contrário, remete à multiplicidade, à transversalidade.

O quarto deslocamento trata do tema “educação e controle”, analisando a educação pelo uso de “mecanismos de controle”. Numa alusão à Foucault, o autor considera a estrutura da escola através dos mecanismos da vigilância, do controle e da disciplinarização, convergindo para a constituição de quatro deslocamentos conceituais: vigilância; disciplinarização; avaliação; sociedade de controle.

A obra analisada, ao situar a filosofia deleuziana em torno da problemática da educação, lança mão dos conceitos de Deleuze, tomando-os como fio condutor das análises que circundam a filosofia da educação. Tratando com clareza e profundidade várias questões que permeiam a filosofia de Deleuze, o autor apresenta o arcabouço teórico deste pensador reconduzindo-o às análises consoantes à educação. Desse modo, o livro se notabiliza por seu valor singular, principalmente pelo fato de não haver propriamente em Deleuze, como há em outros filósofos como Rousseau e Nietzsche, por exemplo, um enfoque diretamente voltado à educação. Trata-se, portanto, de um livro importante e de grande utilidade tanto para estudiosos da educação como para aqueles que desejam uma incursão na filosofia de Deleuze, pelo fato de propiciar um trânsito entre a filosofia deleuziana e as questões subjacentes ao debate contemporâneo da educação.

Por último, vale ressaltar, o grande mérito do livro consiste na maneira clara e didática com que o autor trata conceitos difíceis da

filosofia de Deleuze, recorrendo a fontes seguras, destacando-se também a forma com que disponibiliza ao leitor uma bibliografia básica e *sites* da internet para quem deseja se aprofundar na pesquisa sobre a filosofia deleuziana.